BOTICAS, CLÍNICAS E BARRACOS:
SENTIDOS DE "COCAÍNA" NA FOLHA DA MANHÃ E DE S. PAULO
(1933 A 2013)

GT14: Discurso e Comunicação

Luana Luciana Ribeiro de Alencar
Wedencley Alves
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Brasil
alencarlr@hotmail.com wedenn@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo é parte de uma pesquisa maior acerca dos discursos sobre a cocaína no jornal impresso Folha de S. Paulo, e de seu antecedente Folha da Manhã, periódico de grande relevância no Brasil. Buscaremos compreender, por meio da Análise do Discurso Francesa, criada por Pêcheux na década de 1960, as relações de sentido presentes nas notícias veiculas pelo jornal sobre o lexema cocaína. Sabe-se, no entanto, que essas relações de podem deslocam-se com o tempo. Para compreendermos como esses discursos sobre a cocaína vieram se deslocando e quais as formações discursivas hoje que estabelecem os gestos de interpretação dominantes na imprensa, recorremos a uma pesquisa longitudinal, com amostras coletadas nas Folhas são longo de sete décadas. Neste artigo, iniciamos por tecer considerações sobre o debate atual sobre o uso e tráfico de cocaína, além de um pequeno histórico sobre a droga no Brasil. Posteriormente, feito esse histórico e esclarecidos os objetivos e metodologia desse estudo, analisaremos discursivamente os contextos - segmentos de frases –

ondeapareçam o lexema no material jornalístico. A escolha dessas notícias será feita a partir dos anos de pico da veiculação da palavra “cocaína” no jornal – objeto de nosso trabalho.

Palavras-chave: cocaína, drogas, discurso, análise.

Introdução

Muito da forma de como a sociedade vê a questão das drogas atualmente é resultado da influencia de países estrangeiros. Entre eles, os Estados Unidos e a Alemanha O combate de drogas nos Estados Unidos foi aderido pelo Brasil na virada do século XIX para o XX.Esse combate, tanto nos Estados Unidos, quanto no Brasil, não se devia somente ao crescimento do uso de drogas, mas o uso das mesmas pelas classes mais pobres. Grande parte do tempo pensava-se que problemas sociais como vadiagem, doenças sexualmente transmissíveis e outras poderiam se agravar com o uso de drogas. Como estes “males” eram atribuídos quase sempre às “raças” tidas como inferiores, a proibição das drogas embalou um eugenismo silencioso, quase sutil.

Antes do início da década de 1970, o país sustentava outros discursos sobre as drogas. Mais tarde, nos anos 30, apesar das drogas serem usadas como medicamento muitas vezes, tivemos algumas mudanças na política de combate às mesmas, também influenciada por outros países. Por exemplo, tivemos as Convenções de Genebra em 1931 e 1936. Nessa época, o Brasil, no artigo 45 da Constituição, falava de internação compulsória para os usuários de droga para o “bem” da sociedade.

A década de 40 e 50 foram liberais quanto às drogas, porém foi na década de 40, com a criação da ONU, que começou pensar-se as drogas como problema de

saúde pública.O uso delas, nas leis, era caracterizado como crime contra a saúde pública.

> (...) modelo de intervenção sobre a matéria das drogas como modelo sanitário, com ênfase maior nas providências médicas sobre o uso de droga, em detrimento das estratégias jurídicas". Batista (1997como citado em Ciribelli, 2003)

Quando os movimentos de contracultura surgiram, no auge da década de 60, as drogas eram vistas positivamente por parcelas da sociedade não conservadoras. Associava-se às drogas sentidos de libertação e ousadia. Mas as coisas mudaram a partir dos anos 70, que foram tomados pelo narcotráfico e as drogas passaram a ser um problema internacional. Com o passar dos anos, obviamente, novas drogas foram surgindo e cada vez mais pessoas, inclusive as de classes populares, passaram a ter acesso a elas. Com o crescimento abusivo desses entorpecentes, surgiram leis nacionais, inspiradas em legislações internacionais, que proibiram as drogas. Juntamente com a proibição, vieram as tentativas de "tratar" o problema.

Já a década de 80 foi marcada pela chamada "epidemia das drogas" no mundo. O Brasil acabava de sair de um período de ditadura militar, onde a repressão de drogas era intensa. Esse combate foi intensificado até a década posterior. O discurso toma novo rumo nos anos 2000.

No início do século XXI surge algo novo no campo da problematização das drogas. O Ministério Público torna-se responsável pela chamada política de redução de danos sociais e morais dos usuários de droga. Os entorpecentes

começam a serem vistos como caso de saúde pública e a proibição das drogas a ser vista, por alguns grupos, como uma barreira para “tratar-se o problema”.

> “Do ponto de vista da saúde pública, o que importa é desenvolver ações intersetoriais que sejam eficazes no sentido de reduzir os danos à saúde causados pelo consumo prejudicial do álcool e outras drogas, incluídos os psicofármacos”. Ministério da Saúde (2004 como citado em Ciribelli ,2003)

Atualmente, em 2014, de acordo com o relatório divulgado pela ONU feito pela Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecentes, o Brasil é um dos países que mais produzem, importam e exportam drogas, ao lado de Austrália, Canadá, EUA, França, Alemanha, Holanda, Paquistão, Índia, China e Japão.

Não cabe a esse trabalho defender uma posição acerca do uso/combate/legalização de drogas, mas entender como a mídia, formadora de opinião e de grande influência no país, aborda o assunto. Mais precisamente o que importa é compreender quais são as relações de sentido e poder envolvidas nos discursos, como o usuário é retratado nos discursos do jornal e, por fim, checar a que campos institucionais a droga é mais associada.

Das boticas aos “barracos”

Bem antes de a cocaína ser usada como é hoje, sabe-se que os índios peruanos e de outros países da America do sul mascavam a folha da coca. Registros mostram que essa prática já fazia parte da cultura indígena, no noroeste da América do Sul, antes da ascensão do Império Inca (Johanson, 1988).

Uma curiosidade sobre o uso da folha da coca é que ela era usada por mensageiros do império inca para resistência física. Como não havia cavalos entre os incas, o único meio de comunicação eram esses mensageiros que percorriam altas montanhas para chegarem ao seu destino. A folha era mastigada para ajudá-los a suportar tamanha altitude, onde o oxigênio era reduzido.

A planta, também, era usada em rituais sagrados e considerada um presente dos deuses. No século XVI, quando os espanhóis tomaram o império inca, o mesmo já estava em declínio. Nesse tempo, a coca já era consumida no dia-a-dia, por várias pessoas, e não só pela classe dominante. Os espanhóis pensaram em proibir o uso da folha, por acreditar que o hábito seria uma barreira para a conversão dos incas ao Cristianismo.

Mais tarde, os espanhóis descobriram os efeitos que a folha da coca proporcionava e começaram a pagar o trabalho dos índios, já escravizados, com a folha da coca. Os índios trabalhavam em silvícolas e o mal estar da altitude os faziam trabalhar para ganhar sua folha de coca no final do expediente.

Posteriormente, as folhas da coca chegaram a outros países. Foi no século XVI que chegou à Europa levada por exploradores. Só que a folha não se tornou popular. Isso porque durante o transporte, nas longas viagens nos porões dos navios, o calor e umidade afetavam a qualidade do produto e seus efeitos eram reduzidos.

Com o tempo, no entanto, a droga passou a ser visto como contendo propriedades medicinais. Freud, baseado nos resultados de suas próprias pesquisas, acreditava que a cocaína poderia curar algumas doenças. O pai da psicanálise recomendava a cocaína para distúrbios estomacais e má digestão. Chegou a recomendar a

droga, também, para quem sofre de asma e doenças supostamente causadas pela degeneração dos tecidos.

No século XIX, não só Freud, mais outros médicos criam no poder de cura da cocaína, o que fez com que a ideia de a cocaína ser um remédio para várias doenças,se espalhasse.As informações de que a cocaína, supostamente,poderia curar doenças eram divulgadas em relatórios publicados em jornais médicos.

> Folhetos promocionais de empresas farmacêuticas americanas divulgavam que “na cocaína temos um remédio cuja ação fisiológica e efeitos terapêuticos, conforme foi relatado por competentes observadores, não deixam dúvidas de sua grande eficácia no tratamento do alcoolismo, de sua ação específica no alívio para as vítimas do hábito do ópio”. (Johanson, 1988)

Ora, esta presença da cocaína nas farmácias (boticas) e no uso clínico veio a mudar com o tempo. Com o passar dos anos,o uso da cocaína passou aumentar e, na virada do século XIX, os discursos acerca da droga também sofreram mudanças.Como exemplo, citamos o caso do amigo de Freud, Ernst Von Fleischl-Marxow, que ao usar a cocaína para tratar o vício da morfina, passou a usar a droga desenfreadamente e, um ano depois, veio a falecer.

> Embora o próprio Freud continuasse a usar a cocaína por muitos anos, ele e outros colegas começaram, depois disso, a escrever sobre os horrores da droga. (Johanson, 1988)

Já nos Estados Unidos, o uso da cocaína pelos negros fez com que policiais americanos do sul do país pegassem em armas para proteger a população da

suposta “ameaça” dos negros, que usavam a droga. Por esse motivo e pelo uso das drogas cada vez mais pela minoria, o governo dos EUA restringiu a cocaína. Oficialmente, em 1914, o Ato de Narcóticos Harrison proibiu o uso da droga como remédio e o uso para fins recreativos se tornou ilegal a partir daquela data. Dessa forma, até o fim da década de 60, o abuso da cocaína praticamente desapareceu.

Nos anos 70, a cocaína acabou sendo descoberta como uma droga recreacional, mas houve poucos casos de morte por abuso. Nessa década, a droga ainda não havia se tornado um problema,ao contrário dos anos 80, quando houve a chamava epidemia das drogas, inclusive da cocaína. De acordo com dados do National Institute on Drug Abuse, dos Estados Unidos, o número de pessoas, na década de 80, que experimentaram cocaína pelo menos uma vez aumentou quatro vezes com relação à década de 70.

A procura por tratamento por causa da dependência química e crises pelo uso abusivo da cocaína tiveram considerável crescimento desde 1976. Esse crescimento também resultou no aumento de consequências maléficas relacionadas à droga. Dados da National Institute on Drug Abuse, através do Drug Abuse Warning Network (DAWN), mostram que o número de casos de problemas médicos e mortes relacionadas à cocaína triplicaram entre 1976 e 1981.Os dados do DAWN eram obtidos através de um sistema de informações fornecidos pelos hospitais e prontos-socorros do país.

Um pequeno histórico: a cocaína ao Brasil

Têm-se indícios de que populações da região amazônica já utilizavam uma espécie de cocaína chamada padu. Essa droga era extraída das folhas do Ipadu, cujo nome é *Erythroxumcatarctum*e era utilizada como a cocaína em rituais religiosos indígenas.

O uso de cocaína no Brasil remonta à década de 70. A droga, inicialmente, era restrita a pessoas da elite, artistas e intelectuais. Porém, gradualmente passou a ser incorporada pela classe média até chegar aos morros e favelas, lugares onde passaram a droga passou a ser processada. Esse aumento no consumo da droga é resultado de uma maior produção da coca nos países andinos. Outro motivo é o Brasil ter sido uma alternativa de rota dos traficantes bolivianos e colombianos para que a droga chegasse aos Estados Unidos e Europa. Na década de 70, o Brasil se tornou a rota cada vez mais procurada por esses traficantes. As rotas mais usadas eram a Rota Amazônica e a rota Caipira. Mais tarde, a partir de 1984, traficantes colombianos passaram a transferir seus laboratórios de refino de cocaína para o Brasil.

Nos anos 80, a cocaína tornou-se um problema para o país. O Brasil, sendo rota e lugar de produção, acabou testemunhando uma maior disponibilidade da droga a preços mais baixos. O resultado foi o aumento considerável do consumo. O refino da droga resultava na maior oferta de pasta base de coca que é muito mais barata. Dessa forma, a população, pelo menos de renda média, passou a poder consumir a droga sem dificuldade.

Partindo desse breve histórico, ao fazermos uma catalogação prévia do número de vezes que a palavra “cocaína” é citada no jornal Folha da Manhã e de S. Paulo, percebemos que esse número começa a aumentar nos anos 70 até início dos anos 2000. Isso coincide com o aumento do caso de uso de droga no Brasil e sua popularização. Já depois de 2002 o número de vezes que o lexema é citado diminui gradativamente até 2013, ano em que quase não há notícias veiculadas no jornal acerca da cocaína.

Em 2014 foi divulgado no site da ONU, no relatório feito pela Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecente, que o Brasil está entre os três países em que mais houve apreensão de cocaína.

> O Brasil, com suas extensas fronteiras terrestres com todos os três principais países produtores de cocaína e um litoral extenso, além de ser um país de destino para grandes quantidades de cocaína, também oferece fácil acesso ao Oceano Atlântico para exportar drogas para a África Ocidental e Central e de lá seguir para a Europa e outros países. (Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecentes, 2013, p. 58)

Discursos sobre a cocaína hoje

Hoje busca-se solucionar a questão das drogas em várias instâncias, seja social, médica, jurídica etc. Apesar desses inúmeros esforços em abranger várias áreas do saber, é inegável que o discurso que sobressai na sociedade é o da criminalização do comércio e do uso.

E aqui entra a questão propriamente discursivo-comunicacional de nossa pesquisa. A mídia cumpre um papel importantíssimo na forma como os discursos sobre as drogas circulam na sociedade. É ela quem fornece às pessoas o acesso à informação de relevância e interesse que, posteriormente, servirão de ferramentas para esta se governar (Kovach e Resentiel, 2003).

Levando em conta esses aspectos, pretende-se, nessapesquisa, compreender por meio da Análise do Discurso as formações discursivas e correspondentes posições-sujeito ocupadas pela Folha de S. Paulo quando mobiliza o lexema

cocaína. Segundo Pêcheux, o sujeito pode ser inscrito por determinações históricas e pela ordem do simbólico em uma posição discursiva.

> Não há forma de estar no discurso sem constituir-se uma posição-sujeito e, portanto, inscrever-se em uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, é a projeção da ideologia do dizer" (Orlandi, 2011 p. 55)

Quando nos perguntamos pelas posições ocupadas pelas Folhas, compreendemos que, assim como os discursos, elas podem se deslocar ao longo do tempo, ou mesmo ser atravessadas por outras posições muitas vezes contraditórias. Por isso, o interesse de compreensão longitudinal centrada nas ocorrências do lexema "cocaína" e no seu tratamento discursivo.

É de extrema importância estudar-se quais são os discursos que a mídia constrói sobre um assunto tão debatido ao longo dos anos e como esses discursos foram deslocados com o tempo. Hoje é comum associar droga e criminalidade, e isso mobiliza o imaginário da sociedade estigmatizando pessoas e regiões das cidades. A associação entre droga e criminalidade não é natural, mas discursivamente construída. Isso porque não se associa, por exemplo, sonegação de impostos, que também é um crime, com criminalidade. Esta desnaturalização dos sentidos é importante para avançarmos na compreensão dos sentidos e discursos sobre as drogas na sociedade.

> Torna-se preciso, então, colocar em debate quais são os critérios para se definir o que é crime, quais são as fronteiras para a delimitação de ações consideradas criminosas. (Zaccone 2007 p.137)

A baixa frequência do tema abordado como problema de saúde pública, o que já não ocorre com notícias veiculadas à criminalização das drogas, pode indicar pouca identificação da mídia com discursos sobre saúde pública. O que temos, portanto, é um sintoma – que informa a posição-sujeito ocupada pelo jornal – e um indício – o de que a associação acima relatada é própria a um discurso hegemônico na sociedade. Mas esta identificação do jornal com o discurso da criminalização não precisa ser considerada perene. Como as relações de sentido são históricas, há possibilidades sim de haja desidentificações do periódico – ou de qualquer sujeito – com estes sentidos dominantes. Basta que mudem as condições de produção do discurso – como, por exemplo, um reposicionamento ideológico do jornal.

> Pêcheux caracteriza o processo de desidentificação, ancorado no próprio campo da prática política, como um trabalho de desarranjoearranjo da forma-sujeito, onde a ideologia, em uma perspectiva metafórica, funciona contra e sobre si mesma, para dar sustentação a uma prática nova, em virtude de os saberes que compreende uma determinada forma-sujeito não responderem mais à necessidade de constituição dos interesses, dos objetivos antagônicos que permeiam o modo de produção/reprodução/transformação das relações de produção. (Zandwais, 2003, p.1)

Ao nos lançar sobre o histórico dos sentidos de “cocaína” no jornal podemos compreender também como a memória discursiva, não só do periódico, mas da própria sociedade brasileira, foi se constituindo acerca desta questão. Memória dinâmica, sujeita a deslocamentos, que põe em jogo outras formações discursivas (FDs), ou matrizes de sentido, ao longo do tempo.

> O discurso não é independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas, só por sua existência, ele marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos. É um efeito das filiações sócio-históricas de identificação e, ao mesmo tempo, um trabalho de deslocação no seu espaço" (Pêcheux, 1990, p.56)

A fim de compreender essas FDs, essas análises se darão pelo estudo dos trechos de notícias, onde o lexema "cocaína" aparece ao longo dos 80 anos desde quando foi citado pela primeira vez, em 1933, na Folha da Manhã[1] Desses 80 anos, estabeleceremos oito marcos históricos (já pré-estabelecidos, tomando como critério os picos de veiculação de notícias com o lexema "cocaína"). Essa escolha se dará a partir dos anos, meses e dias de maior frequência da palavra no jornal.

Questões de método

Uma palavra ou a expressão só adquirem sentido no interior de uma Formação Discursiva (uma matriz de sentido, um lugar de interpretação). Neste caso, cumpre-se mapear as FDs, em que ocorrem o lexema "cocaína". Numa primeira aproximação já percebemos que ela aparece tanto como "medicação" e "anestésico", uso que depois vai sendo substituído pelo sentido de "droga" ou "entorpecente", associado ao campo da saúde pública ou da criminologia.

[1]Que junto com a Folha da Noite resultaram na hoje conhecida Folha de S. Paulo, a partir da fusão ocorrida em 1960. Para efeito deste artigo, não foi preciso trazer a pesquisa, em andamento, também sobre a Folha da Noite, visto que já detectamos que as matérias se repetem quando as duas (da Noite e da Manhã) passaram a coexistir.

Da mesma forma, cada indivíduo (incluído o indivíduo institucional, uma empresa, um veículo de mídia, por exemplo) ocupa uma posição-sujeito em determinada formação discursiva. A partir desta FD, cada individuo vai estabelecer uma identificação com determinado discurso (Orlandi, 2012).

Ao analisar um documentário sobre as drogas, “Falcões - Meninos do tráfico”, Orlandi mostra que as posições-sujeitos que cada pessoa – cada “traficante” – ocupaé reflexo dos modos de individualização produzidos por uma sociedade em que o Estado – e suas instituições jurídicas, policiais, educacionais, etc - ocupa posição tão importante. Para o autor “O político, tal como o pensamos discursivamente, está presente em todo discurso” (ORLANDI 2012, 55). É neste sentido – a de que há uma inevitabilidade do político no discurso – que traz o Estado para a discussão das formas de constituição dos discursos na sociedade. Ora, esta percepção não contradiz necessariamente a percepção de Foucault sobre a descentralidade do poder (com relação ao Estado). O autor defende que toda a estrutura social é atravessada por múltiplas relações de poder. O pensador francês faz a seguinte indagação:

> Quais são, em sem seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, os diversos mecanismos de poder que se exercem a níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variados? [...] a análise do poder ou dos poderes pode ser, de uma maneira ou de outra, deduzida da economia? (Foucault, 1981, p.174)

Isso é fundamental para entendermos, nessa pesquisa, o lugar dos agentes públicos nos discursos sobre a droga (cocaína) e também da mídia – objeto preferencial deste estudo.

A análise

A partir da pesquisa junto ao acervo da Folha de S. Paulo, será feito um levantamento dos números de ocorrência do significante “cocaína” ao longo dos 80 anos de cobertura (1933 – 2013). A partir da identificação de picos ou variações acentuadas (por exemplo, entre 1937 e 1938, percebe-se uma grande redução no número de ocorrências no jornal), tentaremos estabelecer marcos. No caso acima, talvez a política repressiva mais acentuada do Estado Novo tenha sido o motivo. A partir destes marcos, tentaremos proceder a uma periodicização da história da cocaína nos jornais. O que servirá de base para a compreensão dos discursos destes periódicos sobre as drogas.

Numa periodicização prévia (ou seja, que pode ser ajustada ao longo da pesquisa), identificamos oito marcos temporais. O que resultou em oito reportagens, notas ou noticias selecionadas. Esta seleção se deu a partir do mês e do dia em que a variação se torna mais acentuada.

Um exemplo é o ano de 1977. Nos anos anteriores, entre 71 e 76, o número de ocorrência lexical de “cocaína” varia entre 39 e 49. No entanto, no ano seguinte, temos uma variação atípica, com 103 ocorrências. Para nós, este ano torna-se um marco temporal, que se distribui da seguinte forma: de janeiro a abril, as ocorrências continuam baixas: entre 4 e 5. Assim como em junho e julho. Os meses de maio e agosto apresentam elevação para 10 e 9, respectivamente. Mas é nos meses de setembro (14), novembro (15), e outubro (21), que se concentraram as maiores ocorrências. Serão selecionadas, portanto, uma matéria de outubro, no caso, o mês de maior veiculação da palavra. Além da análise dos anos de pico, faremos a análise de uma matéria veiculada no jornal no primeiro ano em que é citada a palavra cocaína e uma do ano de 2013, último ano de

nossa análise, para fazermos uma comparação dos deslocamentos (ou não) dos sentidos ao longo dos anos.

Lexicologia discursiva

Apesar de os anos 30 terem sido mais liberais quanto à questão das drogas e onde elas eram usadas como remédio, as manchetes analisadas, na pesquisa maior (aqui, nos ateremos a uma manchete por ano, do mês e dia de pico), a maior parte das notícias veiculadas sobre cocaína são de cunho proibicionistas. Como exemplo, recorremos à manchete abaixo, divulgada em setembro de 1933.

1 Foi posto em liberdade um terrivel vendedor de cocaina

O vendedor – não havia a expressão traficante neste momento – recebe uma adjetivação fortemente negativa, o que acentua sua caracterização como ameaça social.

Após um longo intercurso, este discurso vai reaparecer nos anos 70, período em que há um crescimento da apreensão de drogas e do tratamento das mesmas como um problema. Em 1977, nos deparamos com a mesma linha de discurso da manchete analisada em 1933. Porém com um acréscimo: o privilegio dos ricos que usam droga em detrimento da população. Percebemos no texto que a cocaína já é tida como um problema: “estava evidente o **problema** da cocaína”, com repercussões criminais.

2 plexidade da polícia carioca. Como no caso Angela Diniz-Doca Street a imprensa aceitou os inaceitáveis limites do "crime de ouro" Como no outro caso, estava evidente o problema da cocaína o vício dos privilegiados mas ninguém teve a coragem de colocar o dedo na

Nos anos 80, onde temos o *boom* da cocaína no Brasil, seja quanto à apreensão ou uso, na manchete escolhida para a análise, assim como outras manchetes da época, há referência à forte influência dos Estados Unidos no combate à droga no Brasil. Abaixo percebemos, no texto de 1986, a referência à cocaína e ao derivado "crack" como um perigo para a sociedade dos EUA. Esse "perigo" das drogas refletia em seus usuários, também, junto com os traficantes, tidos como perigosos para o jornal

3 da última terça-feira. O "crack", o cigarro de cocaína, foi oficializado como um dos mais perigosos inimigos da sociedade norte-americana. A

Em julho de 1991, ano em que a apreensão de cocaína ainda crescia, nos deparamos com um cotexto que reforça o sentido de classe constatado na análise das amostras dos anos 70.Deparamo-nos com a palavra "esbanjava", o que reforça a idéia de que quem usa cocaína tem dinheiro.

4 O delegado disse que Curcelli "esbanjava" dinheiro na cidade. Ele foi preso com dez gramas de cocaína e 200 gramas de maconha.

Ainda na década de 90, em 1995, a freqüência em que a palavra "cocaína" aparecia no jornal crescia. Nesse ano, analisando o cotexto da matéria eleita pelos

critérios já descritos neste artigo, percebemos que, apesar dos anos passarem, os discursos sobre a droga são cíclicos, vão e voltam. Abaixo temos uma entrevista de uma pessoa famosa dizendo que consumia a droga junto com outros artistas, o que reafirma o discurso da cocaína ser droga de pessoas de classe social elevada. Na reportagem o entrevistado faz referencia a uma banda que surgiu nos anos 60, ano em que a droga era usada por jovens dos movimentos de contracultura.

5 ► Como eram aqueles tempos?
◄ O Black Sabbath foi meu trampolim para o mundo. Tomávamos muitas drogas e álcool. Experimentei um monte de coisas ótimas pela primeira vez. Parecíamos loucos, era só sexo, drogas e rock'n'roll. Não lembro muito bem, é como se existisse uma névoa. Cheirávamos muita cocaína. Mas agora que estou com mais de 40 tenho os pés no chão.

Na análise de 2001, vem à tona, novamente, a questão da droga no exterior. Dessa vez, o presidente dos EUA, na época Clinton,vai à Colômbia. A visita mostrava a ajuda do país no combate à droga no mundo. Vemos, mais uma vez, a droga como um problema a ser revolvido a partir de colaboração transnacional.

6 A Colômbia é o maior produtor de cocaína do mundo e o principal exportador de heroína para os EUA. Os americanos, por sua vez, são os maiores consumidores de drogas do mundo.

Por fim, em 2013, volta-se ao discurso da criminalização/combate das drogas, do proibicionismo. Ainda a atenção é voltada para a classe mais alta. Uma carga de cocaína foi encontrada no helicóptero da família de um político.

Pela cotação média do varejo nos grandes centros brasileiros, a carga de cocaína apreendida no helicóptero dos Perrella renderia cerca de R$ 22 milhões no mercado de entorpecentes, segundo especialistas e policiais consultados pela **Folha**.

8

Considerações finais

Este primeiro passo da pesquisa mostrou que o campo institucional ligado à cocaína é predominantemente o da Justiça e os discursos em sua maioria e ao longo do percurso histórico são de cunho moral e criminalizantes. Nesta pequena amostragem, percebemos, além da criminalização, a ênfase ao combate internacional e a associação do usuário com seu nível de renda (da mesma forma que a do traficante com seu grupo social desfavorecido). Mas se trata de uma pesquisa em andamento. O presente artigo é uma parte inicial desta jornada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, W. (2007). *O "poder paralelo" da imprensa: uma contribuição semântico-discursiva para análises de agenda setting* Rodrigues, M., & Alves, W. (orgs). Discurso e sentido: questões em torno da mídia do ensino e da história". São Paulo: Claraluz.

Ellyn Johanson, C. (1988).*Tudo sobre drogas (cocaina*) Editora: Nova cutura.

Foucault, M. (1979). *Vigiar e punir: nascimento da prisão* Ramalhete, R. (trad.). Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. Do original em francês: Surveiller et punir).

Foucault, M. (1981) *Microfísica do poder* **(**Edição: 25/2012.432p.)

Kovach & Rosenstiel .(2003). *Os elementos do jornalismo.* Dupont, W. (trad.) Geração Editorial, São Paulo.

Pontes (2009). *Análise de Discurso: princípios & procedimentos* (8ª ed.) Campinas.

Silva, C. C. R. (2013). *Velhos métodos para novos exóticos: Justiça e Psiquiatria no controle do uso de droga.*

Zandwais, A. (2003). *A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas*.